

A Universidade

o Popular 30-8-91

Senhor Editor,

Passados mais de 70 dias da deflagração da greve na UFG, vemos ainda generalizado descontentamento entre os docentes. Não poderia ser diferente, pois - pergunto - qual há de ser o estado de espírito de alguém que é mal recepcionado em suas aspirações, tanto mais quando tais aspirações não são ambiciosas e sim o mínimo para a subsistência? Ora, não é preciso nenhum esforço lucubrati-vo para se compreender tal situação: os atos são consequência dos fatos. O corpo não reclama por descanso sem que esteja cansado, como também não nasce o sol sem que a noite acorde. Quero dizer: "Depois disso, logo causado por isso". Os professores não premeditaram a greve; foram compelidos a deflagrá-la.

Sabemos - e nossa cultura nos atesta isso - que neste país não se consegue nada sem o concurso da mobilização organizada, tanto mais quando se trata de um setor que "só one-

ra os cofres públicos". O incrementado corpo administrativo deste País é adestrado para arrecadar impostos, não para investir recursos.

Desta forma, sabendo-se que os investimentos da Universidade somente se plantam para colheita futura, a mão que deveria semeá-la esquece do preparo da terra para antes de qualquer esforço maldizer de sua qualidade (da terra). E, assim, empurrada pelas conseqüências do tempo que pára, a terra vai ficando dia-a-dia incultivável e acaba por oferecer ao mal-intencionado agricultor as imagens rapinas do joio, e ante a tal espetáculo impatriótico diz o sutil parasita: "Vêem, eu não disse que isto (a terra) era imprestável?"

Se não houver esforço e boa vontade, obviamente o caminho é a degradação.

Eis o motivo da mobilização dos professores.

José Alberto Nunes da Mota
Novo Horizonte